



Jardins de Curitiba: Lado B

Vanessa Postol

O homem se instalou num local privilegiado  
Era o maior espaço da calçada  
O abrigo foi construído junto ao muro mais alto  
Tentativa de parar o vento  
O trânsito na sua porta era contínuo  
Mas ele ainda preferia os dias de semana  
Aos sábados e domingos um mar de gente e câmeras invadia aquele mundo  
Bastaria atravessar as duas pistas de asfalto para entrar no que chamava de santuário  
Mas não  
A sujeira denunciava sua condição  
Certamente seria mal interpretado  
Conhecia seu lugar

Da casa improvisada, precisava apenas afastar o plástico amarelo que lhe servia de cortina  
Assim, seguindo a rotina, gastava tempo, de pé, olhando  
Céu novo a cada dia  
Paisagem igual, mas diferente  
Na moldura imaginária, eternizava tudo de um ângulo só seu  
O vira-latas mais querido compreendia o ritual e aguardava em silêncio  
Sol do inverno  
Manhã fria

O homem tinha seus segredos  
De início, seu olhar se concentrava nas grades verdes  
Era a única parte já tocada  
Conseguia sentir nas mãos as hastes de ferro verticais que se alinhavam  
Alta, baixa, grande, pequena  
E lembrava dos quadrados perfeitos que as barras horizontais formavam na metade mais baixa daquela muralha  
via as placas retangulares de avisos diversos  
e preferia a branca, torta, que informava  
PROIBIDO ESTACIONAR ÔNIBUS  
Acompanhava o movimento dos portões  
E conhecia seu arame fino com retângulos entrelaçados  
Pelas frestas largas, via o grande espaço de asfalto azul-petróleo decorado com o miolo gramado  
Gostava do espaço sem carros  
Aquele portal, pra ele, era arte  
Erguia o olhar  
Avistava o pequeno morro tapete verde-grama  
As laterais eram sinuosas e cinzas  
Talvez pedras



Nenhuma flor naquele momento  
Algumas árvores completas  
Outras, nuas  
À esquerda, um lago prateado pela luz  
À frente, arbustos de ângulos retos  
Via somente pedaços de plantas perfeitamente podados  
Tentava imaginar as formas  
Ao longe, completando todo o espaço, majestosa como num altar, a imponente e famosa estrutura de vidro e metal branco, de formas arredondadas, e conteúdo esverdeado  
Ele concentrava os minutos admirando as três grandes abóbadas que contrastavam com o céu  
Na imaginação, uma cruz no alto  
Ouvira falar que era uma estufa que abrigava espécies de plantas nativas  
Informação inútil  
O homem respirava profundamente e fechava os olhos para registrar a cena  
Momento de paz que dava medo

Um policial e uma mulher se aproximam  
Afastando a lona, a mulher pergunta

- Quem é você?
- João
- Não pode morar aqui. Será levado para um abrigo
- Por quê?
- Este local não é seguro, nem quente. Muitos morreram de frio este ano
- Eu quero ficar
- Terá cama e sopa quente
- E minhas coisas?
- Pode levar o que quiser. Guardaremos tudo até que possa trabalhar
- E os cachorros? Este aqui, o Negão, dorme comigo
- Alguém cuidará deles

Silêncio

Os visitantes se foram  
O homem conhecia os reais motivos daquela oferta  
Logo estaria nas ruas novamente  
teria algum tempo para organizar os pertences  
Despedida difícil

Entrou na cabana desolado  
Encostou no muro cinza e áspero  
A lona amarela veio abaixo  
Não teve coragem de olhar  
Vagarosamente ia juntando e empilhando a vida no carrinho



Os cachorros esperavam com olhar entristecido  
Encontrou uma lata  
um pouco de tinta verde-bandeira, seca  
Um pincel com cerdas endurecidas  
com muita dificuldade, pintou, no muro, um quadrado torto  
Rezou para a tinta não acabar  
Segurou com força o pincel  
Pensou na cruz  
teve tempo de escrever grande